

o tango do último desejo

Manoel Matias Medeiros de Araújo¹

Nenhum de nós entendia tanta labuta para nos livrarmos de uma defunta. Piedade não era a pessoa mais fácil do mundo, apontavam as suas escassas amigas, mas certamente dava mais trabalho com as canelas esticadas do que viva.

Quando o rabecão estacionou na frente da residência, o único inconveniente foi remover a mesa de centro e as quinquilharias banhadas em ouro – joias, ela diria – que repousavam naquele tampo de mármore negro e pesado, cuja aparência combinava com as sombras das janelas habitualmente fechadas. A ornamentação deu lugar a castiçais enferrujados, fornecidos pelo plano funerário, e uma prancha de vidro temperado, a qual, tão logo os homens a instalaram, explodiu e espalhou-se em vários pedaços feito um sopro num prato de comida seca, sendo necessário levar a mesa de jantar à sala e colocar o caixão em cima dela. Uma menina da rua, lembrando-se do dia em que a falecida rasgou a sua bola de voleibol, cuspiu no chão e sentiu-se amedrontada, velha do espírito ruim. A mãe comia bolachas, ignorando os estilhaços.

Compareceram ao velório umas oito pessoas, no máximo, todas da vizinhança. Piedade nunca frequentava outro local senão sua própria casa – aparentemente, após a esquina, ninguém a conhecia.

Seu pai fora um oficial da Marinha que falecera embarcado, levantavam essa hipótese frequentemente, afinal a velha recebia dinheiro de algum modo e de algum lugar sem trabalhar. Só poderia ser uma pensão gorda, daquelas de invejar família de ex-combatente. Havia quem desconfiasse dessa história. Ela mancava de uma perna e poderia muito bem ter se aposentado cedo, as falcruas comiam soltas na Previdência antigamente, hoje é difícil de se conseguir um benefício até para um miserável. Enfim, não importa, de algum modo e de algum lugar a velha recebia dinheiro sem martelar um prego numa barra de sabão.

¹ Advogado e escritor. Autor do livro de contos *O teatro da insatisfação* (Editora Mondrongo, 2023). E-mail: mmatiasdireito@gmail.com.

A verdade é que não empregava esse dinheiro em futilidades. A casa era um palacete de primeiro andar, a decoração nunca decepcionava – colocava até guirlandas no fim do ano mesmo passando-o sozinha, enquanto a gente se espremia para comprar um peru de segunda categoria – e, sempre que despontava uma infiltração ou um buraquinho de salitre, chamava um pedreiro, um encanador, um jardineiro, qualquer-resolvedor-de-problemas.

Parecia haver pressentido o dia de sua morte, tamanha organização na casa inteira. Só estava escura, mas se tratava de um costume. Piedade vivia trancafiada. Nunca recebia a visita de parentes.

Até onde se conhecia, seu único sucessor era um sobrinho poeta de sanitários, que rabiscava versos em portas de banheiros públicos para fotografar e em seguida postar nas redes. Ele se privou da própria vida pulando de uma ponte. Soubemos da morte porque nessa ocasião ela viajou à sua terra natal, na Paraíba, e um vizinho se prontificou a passar uma vassoura nos cômodos. A cidade tinha um nome triste – Saudade, Solidão, Soledade, algo assim. Tornou-se mais reclusa ainda depois disso. Esse jovem tinha um futuro promissor: novinho, venceu um concurso do Governo Federal e acabou enviado a Buenos Aires para estudar violoncelo em um conservatório de música. Aprendeu o andamento, a cadência, a ternura, as paradas abruptas e a tristeza do tango, só que não aguentou muito tempo fora de casa e retornou alcoólatra, especulava-se.

Um cheiro desagradável irrompeu na sala e as pessoas começaram a se acusar mutuamente pela autoria da flatulência. Na frente da morta, que desacato! A menina ria, e colocaram a culpa nela, mas a catinga persistiu entranhada no ambiente. Só então olharam para a defunta. Estava ficando amarela, inchada e torta, dando a aparência de se sentir imprensada pelas abas do caixão. Os lábios arqueavam-se para baixo como num gesto de desagrado.

Certamente se esqueceram de realizar o embalsamamento, certamente. Era necessário adiantar o enterro.

Chamaram um padre, que encomendou o corpo com pressa, sem levá-lo à igreja. Numa raridade, recusou um lanche oferecido – não conseguia suportar o odor da derrota humana. Engulhou durante o réquiem inteiro e, tão logo o terminou, foi-se embora sob a escusa de que celebraria uma missa em um povoado distante. Os demais levavam lenços encardidos ao nariz, borrifados com uma alfazema doce encontrada na penteadeira de Piedade, cujo espelho há muito fora arrancado, ante os rachões na madeira escura. A aparência pessoal não a preocupava, até porque sair à rua (quando saía, no caso) envolta naquelas camisolas velhas, de tecido quase transparente pelo uso excessivo, era no mínimo uma loucura, um devaneio sensual, ou simplesmente um contrassenso. Havia quem gostasse, a exemplo de Seu Felinto, um velho solteiro do final do quarteirão,

e outros a recriminavam, numa crítica difundida entre os cochichos das calçadas. Os solitários, pensávamos, perdem a noção das coisas dia após dia, feito o pavio de uma vela que se esvai ao final de uma noite sem luz.

Fechou-se o caixão. As alças foram entregues ao conjunto de mãos cambembes que ora escorregavam no metal polido ora dirigiam-se involuntariamente aos narizes impregnados pelo fel de Piedade. Prosseguindo o cortejo, já na altura da soleira, a urna emperrou na guarnição da porta feito um cão caçador tentando invadir a toca de um preá.

Não se compreendia como o caixão havia entrado com tanta facilidade na residência e, em uma ou duas horas ali, crescera consideravelmente a ponto de não atravessar a porta. A madeira teria inchado? Os agentes do plano funerário lavaram as mãos, boçais, o serviço deles era do rabeção em diante. Ficaram esperando na calçada, fumando cigarros e rememorando bilhetes de apostas esportivas jamais premiados, os pexotes.

Alguém sugeriu inclinar a urna em noventa graus e passá-la assim, de banda.

Na agonia para se desfazerem imediatamente daquele bacalhau gigante, sacolejaram o caixão ao ponto de abri-lo e a morta, coitada, estatelar-se de cara no piso de antigos azulejos portugueses, tão bem zelado por ela, deixando uma nódoa esverdeada e disforme como lembrança. Com nojo, pegaram-na e tentaram arrastá-la até o lado de fora. Mas a finada recusou-se: abriu os braços, rijos, impedindo que a levassem, segurando-se à porta, às pernas alheias e ao rodapé da parede.

Meia-dúzia de horas esvaíram-se nessa ladainha e não deram cabo ao problema. A morta tinha cheiro de mar. A putrefação do corpo e o bafo úmido que anunciava a chegada da chuva formavam o aroma de um cais logo após o atracamento de um barco pesqueiro. O voo relutante das moscas substituíu os sons das ondas e do vento; carcarás atraídos pela carniça tomavam o espaço das gaviotas, compondo naquele palacete uma bela e triste marina sertaneja. Alguns desconhecedores do litoral intrigavam-se, uma praia é mais ou menos assim?

Torres de nuvens carregaram-se, o céu escondeu-se sob um tecido negro. Trovões espalhavam-se no mundo feito as lamúrias incessantes dos vizinhos. Passou a chover. Pelo menos os carcarás deixaram de rondar a residência, aqueles bichos malvados, assassinos de borregos.

Desesperançosos, começaram a cogitar a abertura de um buraco na sala para enterrá-la ali mesmo. No fim das contas, a casa permaneceria vazia. Talvez os responsáveis por uma eventual demolição do imóvel se assustariam com o descobrimento de uma ossada, mas esse já era outro debate.

Uma moça do plano funerário entrou no velório ensopada da cabeça aos pés pelo temporal que se formara, uma chuva cujos pingos seriam capazes de

encher um copo de água. Pediu desculpas por sujar o chão – agravar a sujeira, na verdade, porque havia uma mancha esquisita logo na entrada – e solicitou a atenção geral. Trazia consigo um bilhete encontrado nas vestes de Piedade. Leu-o:

— Não me permito morrer sem antes ouvir aquela lindeza. A fita está na primeira gaveta da cômoda. E não desarrumem as minhas camisolas!

Correram para o quarto. Seu Felinto quem encontrou o objeto. Suspeitamos, com asco, que a sua boa intenção tenha se resumido à procura de alguns outros utensílios – inomináveis, em respeito à morta. Havia uma inscrição na capa da fita cassette, mais precisamente uma dedicatória: *à minha tia, Piedade*.

Ligou-se o aparelho de som. Curiosos, ouvimos um tango agitado à maneira de um frevo pernambucano. No entanto, as juntas de Piedade amoleceram. Recolocamos o corpo no caixão e o levamos ao cemitério. O esgoto que resplandecia pela cidade depois da chuva transformava o fedor das carnes em alfazema. Optamos por abreviar a cerimônia, sem discursos, choros ou velas. Nossa parte estava concluída. Agora, o tempo e os vermes se encarregariam de soterrá-la de vez na pacata eternidade do esquecimento.